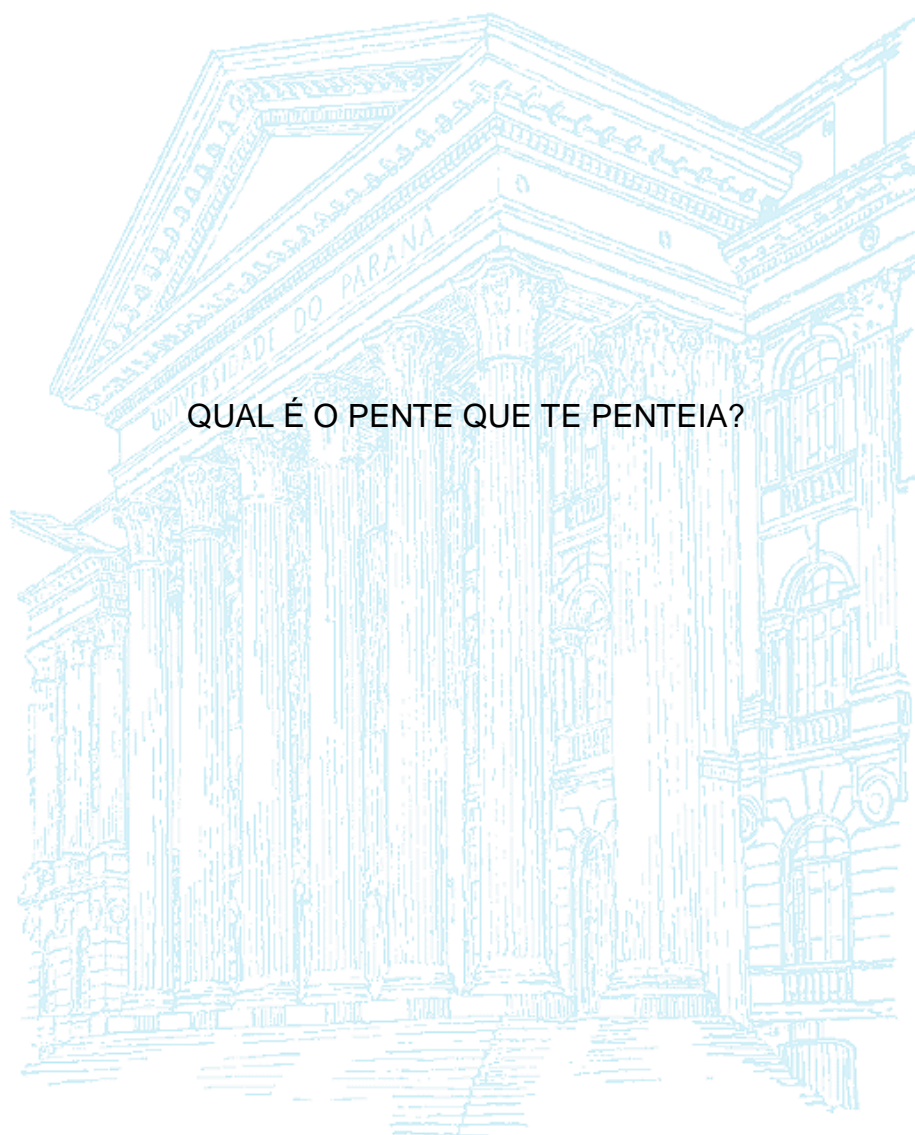


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA LEE DE SOUZA FELÍCIO



QUAL É O PENTE QUE TE PENTEIA?

ITAJAÍ  
2016

SANDRA LEE DE SOUZA FELÍCIO

QUAL É O PENTE QUE TE PENTEIA?

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Elisianie Tiepolo

ITAJAÍ  
2016

**“QUAL É O PENTE QUE TE PENTEIA?”:  
uma análise sobre o cabelo afro e o seu reflexo na vida de meninas entre 11 e  
15 anos de idade**

**Sandra Lee de Souza Felício<sup>1</sup>; Tainá Ribas Mélo<sup>2</sup>; Elisiane Vitória Tiepolo<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Pós-Graduada em Supervisão Escolar. Pedagoga, Professora na Escola Básica Pedro Paulo Rebelo. E-mail: sandraledesouza@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Fisioterapeuta da Prefeitura Municipal de Paranaguá; Doutoranda em Atividade Física e Saúde pela UFPR; Docente e tutora do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola/UFPR. Email: ribasmelo@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Professora da Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola na Instituição Universidade Federal do Paraná E-mail: [elisianivt@gmail.com](mailto:elisianivt@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho de conclusão de curso tem como finalidade apresentar um estudo acerca da representação da mulher negra por meio do cabelo afro, relacionando a importância da aparência no que diz respeito à construção do ser humano, neste caso, com maior ênfase na identidade negra. O objetivo geral do trabalho foi o de analisar a percepção da representatividade do cabelo afro na vida de meninas adolescentes. Trata-se de um estudo quali-quantitativo, descritivo, realizado por meio de entrevista semiestruturada, com 100 meninas de 11 a 15 anos, da Escola Básica Pedro Paulo Rebelo, da cidade de Itajaí/SC,. Os dados foram analisados por meio da frequência das respostas e da análise crítica. Pode-se constatar que a maioria das respostas coletadas trouxe ao conhecimento de que o preconceito é o maior indicador de mudanças, e o cabelo afro foi o mais rejeitado, ao menos tempo que foi o menos apontado como ideal. É por conta dessas discriminações que essas meninas não aceitam conviver com o cabelo natural, e, sim, buscam ficar próximas ao padrão de beleza, realidade percebida em 90% das meninas que já realizaram alguma mudança, na busca de um ideal de cabelo liso e/ou longo e/ou loiro, geralmente influenciadas pelo ideal de beleza que a mídia preconiza que muito se distanciam da beleza e do cabelo da maioria de nossas meninas e mulheres brasileiras. Reforça-se a necessidade do conhecimento histórico da cultura afro para estudantes e professores, assim como de suas representações, como nas características do cabelo, cor da pele e cultura.

**Palavras-chave:** educação; preconceito; respeito; valorização da identidade

**Abstract:** This work of course completion, aims to present a study of the african hair. It will be treated the importance of appearance regarding the construction of the human being, in this case more emphasis on black identity. This study will present reflections, drawn from analyzes of testimonies collected through a survey. The overall objective of this study was to analyze the perception of african hair representation in the lives of adolescent girls. This article it is a descriptive qualitative and quantitative study using semi-structured interviews with 100 girls, students from Primary School Pedro Paulo Rebelo city of Itajaí / SC 11-15 years. Data were analyzed by frequency analysis and review. It can be seen that most of the responses collected, brought to knowledge that prejudice is the biggest indicator of

changes. It is because of such discrimination that these girls do not accept living with the natural hair, and yes, looking to stay close to the standard of beauty. It is true that every being has the option to do what you want, especially with regard to beauty and well-being himself. Another issue that has made clear, is that the media greatly influences the decisions. The models presented in the media as beauties, follow virtually the same standards of beauty, which reflects the lives of teenagers, as they seek to always be beautiful.

**Keywords:** education; preconception; respect; development of identity.

## INTRODUÇÃO

O título “*Qual é o pente que te penteia*”, da música que é uma marchinha de carnaval, a qual apresenta estrofe “*Nêga do cabelo duro, qual é o pente que te penteia*”, cantada por Elis Regina e outros renomados cantores, inspirou o título dessa pesquisa por trazer o seu tema central.

O presente estudo diz respeito à questão da formação de identidade das alunas sobre a descendência africana na população brasileira, além da inserção do estudo sobre a memória da cultura afro nas instituições, por meio da análise de símbolos como o **cabelo** que a representa e caracteriza, e, por vezes, é associado a estereótipos e preconceito, como se pode perceber no próprio verso citado.

Ao longo da história, o cabelo foi marcado por diferentes representações e significados, de pureza a poder, linguagem e vaidade... identidade! (QUINTÃO, 2013).

Para Paim e Pereira (2011) a aparência física apresenta representação marcante na formação e no desenvolvimento dos estereótipos, os quais são originados por: consenso de uma maioria, uma tentativa de homogeneidade para os considerados “iguais” e distintividade para os “diferentes”, e uma saliência, ou seja, uma forma mais evidente de uma determinada característica. Como os estereótipos influenciam o processamento de informações, pode-se esperar também que altere até mesmo o comportamento interpessoal (PAIM; PEREIRA, 2011), o que, no processo de formação do ser humano, como é a fase da adolescência, pode apresentar repercussões futuras (PIZA, 2005). A adolescência representa também o momento em que jovens negras percebem a discriminação que vivenciam (PIZA, 2005) sendo o ambiente escolar propício à investigação e discussão.

Para compreensão do estereótipo, primeiramente será abordada sobre a evolução da identidade afro, sua história.

É de conhecimento que os negros/negras chegaram ao Brasil por volta do século XV, trazidos pelos portugueses. A data exata que eles pisaram em terras brasileiras, isso está longe de se saber, mas a teoria adotada para a maioria dos historiadores é de que os negros/as trazidos continente africano foram desembarcados na terra que hoje se conhece pelo Estado da Bahia (MOURA,2004).

Os negros/negras que aqui chegaram eram destinados somente para a mão de obra escrava e eram tidos como mercadoria de valor, o centro do sistema econômico. As mulheres, muitas delas, eram violentadas sexualmente pelos seus amos e desta relação surgiram os mestiços, denominados dessa forma pelos portugueses, como forma de justificar os filhos que eles tinham com as escravas (MOURA, 2004).

Os/as escravos/as não possuíam, sequer, condições dignas de um ser humano, eram severamente castigados, em alguns casos, os levavam até a morte. Mas, isso teve seu fim com a Lei Áurea, por volta de 1888, assinada pela Princesa Isabel.

A abolição no Brasil não livrou os ex-escravos e/ou afro-brasileiros (que já eram livres antes mesmo de abolição em 13 de maio de 1888) da discriminação racial e das consequências nefastas desta, como a exclusão social e a miséria. A discriminação racial que estava submetida na escravidão emerge, após a abolição, transpondo-se ao primeiro plano de opressão contra os negros. Mais do que isso, ela passou a ser um dos determinantes do destino social, econômico, político e cultural dos afro-brasileiros (HANSENBALF, 1979, *citado por* SANTOS, 2005,p.21).

A diversidade entre negros/as e brancos/as também era vista na igreja, em representações em que a cor preta seria a cor do pecado, da maldição, e a cor branca, a cor da pureza. O cabelo liso, associado ao ideal, refinado e bom, enquanto o cabelo afro, crespo, é relacionado ao conceito de “cabelo ruim” (QUINTÃO, 2013).

Desde então, os negros/as que já não serviam aos seus senhores, eram tidos como pessoas amaldiçoadas, sendo excluídos do meio social. Santos (2002, p.97-98) pondera acerca do assunto:

E de que valeria dar aos negros direitos, os quais não saberiam usar? É preciso mudar lentamente a sociedade, escravos e feitores para que se possa exercer adequadamente deveres e direitos. Não é a liberdade que pode transformar o escravo em cidadão útil. Se os anos de cativo, junto aos senhores preocupados em transmitir aos seus escravos noções morais, não foram capazes de transformá-los, se nem os castigos corporais puderam fazê-lo por que o poderia a liberdade

Toda essa condição em que os negros/as viveram fez com que essa população fosse marginalizada; contudo, movimentos foram realizados para que essa história fosse convertida em um cenário positivo:

[...]a condição inicialmente escrava dos primeiros (os negros) e as consequências sócio-históricas a ela vinculadas contribuíram para acentuar a diferença que fundamentam a discriminação, mas o complexo processo de miscigenação aqui efetivado teceu o véu que pretende disfarçar o preconceito e que precisa permanentemente denunciado [...].

Entre os anos de 80 e 90, os movimentos sociais em face de identidade negra criam forças. Foram levantados dados, nos quais ficaram evidentes o crescimento na estratificação social, ou seja, negros/as deixaram de estar na linha da pobreza, passando a somar a porcentagem de famílias de classe média. (THEODORO, 2008).

Não há novidade em relatar que os afro-brasileiros sofrem preconceitos, racismo, desde as épocas mais remotas até o momento atual, mas é preciso reverter essa situação. A Lei nº 11.645/2008 vem trazendo algo novo, com intuito de abolir o preconceito por meio de inserção no currículo escolar da cultura africana e sua contribuição para a cultura brasileira, ou seja, a cultura afro-brasileira, pois, a criança, na medida que vai tendo conhecimento, vai aprendendo a respeitar a diversidade. Cruz (2011, *citado por*, COELHO, 2013.p.52), explana:

[...] as práticas excludentes e racistas são oriundas, dentre outros, da pouca discussão sobre a história e cultura africana, o que impede um entendimento da história e da cultura brasileira a partir da visão dos afrodescendentes, pois sem esse conhecimento ela se torna uma história unilateral.

A cultura brasileira tem herança europeia, explicando, porém não justificando, que até nos dias de hoje existe um único ideal padrão de beleza que

exclui as características de outras descendências. Nesse sentido, Gomes (2002) descreve:

Foi a comparação do corpo negro (como nariz, a boca, a cor da pele, e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais. Será que esse padrão está presente na escola?

Cabe ressaltar que estudos com interesses étnicos como o de Paim e Pereira (2011) analisaram aspectos relacionados ao preconceito na região nordeste do país, onde há maior representação negra. Para contribuir nessa discussão, o presente estudo traz questões étnico-raciais numa escola da Região Sul do país.

Negros/as foram trazidos para o Brasil com um único fim, serem escravos desembarcados na região do nordeste do país, na sua maioria na Bahia. Por conta disso, pode-se afirmar que a maior concentração de negros/as encontra-se na região nordeste. Já nas demais regiões, como a Norte, a maioria da população é descendente de indígenas, e, no sul e sudeste, concentram-se os brancos de descendência europeia e a população amarela, descendentes dos orientais (BRASIL, 2009).

De acordo com dados do IBGE, no Brasil, a maioria da população é mestiça, é descendente de africanos, europeus e indígenas, isso em uma só pessoa. Ao longo dos anos, e por sempre haver cruzamento com as misturas das raças, conseqüentemente os tons de pele vão ficando mais claros, o que significa que, raramente, as pessoas irão se considerar pardas e/ou descendentes da raça negra (OSÓRIO, 2003).

Assim, o objetivo geral do presente trabalho foi o de analisar a percepção da representatividade do cabelo afro na vida de meninas adolescentes., pois, para Miranda (2011), o corpo e o cabelo configuram ponto de partida para certas reflexões.

Os objetivos específicos foram: certificar as percepções de meninas adolescentes a respeito do cabelo relacionado com a cultura afro e abordar a legislação que garante a identidade afro-brasileira como currículo em escolas públicas e privadas

## METODOLOGIA

A presente pesquisa tem delineamento quali-quantificativo, por meio de entrevista semi-estruturada, com questões objetivas elaboradas pela autora (Apêndice 1), que indagam o relato sobre questões relacionadas à aparência e conceitos agregados ao cabelo, em meninas, de todas as cores de pele e tipos de cabelo, de idades, entre 11 (onze) e 15 (quinze) anos, que frequentam do 5º ao 9º ano da Escola Básica Pedro Paulo Rebello, da cidade de Itajaí/SC. As entrevistas foram realizadas no período do mês de novembro de 2015, com duração de 5 minutos cada uma. A escolha por adolescentes para essa pesquisa, fora pelo motivo de que é exatamente nessa fase em que a pessoa sai da fase infantil em que é influenciada e geralmente segue as regras e determinações de seus genitores, para uma fase em que começa a se conhecer, conhecer seu corpo, há mudança hormonal, ou seja, uma fase de conhecimentos e descobertas. É nessa fase que os pré-adolescentes e adolescentes começam a ter opiniões próprias, influenciadas, principalmente, pela mídia, mas que ainda se encontram sob os cuidados de seus responsáveis. Pizza (2005,s/p) define bem adolescência como sendo:

De todos os ciclos da vida, a adolescência é tida como aquele em que se definem muitos dos traços de nossas identidades sociais, embora nossa identidade seja constantemente redefinida em outras fases do desenvolvimento humano. Porém, a adolescência é marcante não apenas pelas transformações bio-fisiológicas, mas pelo aumento do foco nos conflitos psicossociais, principalmente entre gerações. Os conflitos geracionais são parte do processo de afirmação de nossa autonomia, ainda que parcial, face à hierarquia parental e a valores e comportamentos institucionalizados. Não queremos ser ou viver como nossos pais. A escola não nos ensina nada. A vida é um imenso tédio, longe dos nossos colegas e amigos. O dinheiro traz independência... e se eu engravidar, me caso e vou embora dessa casa, pra longe dessa gente... e por aí vai. Parece ser neste curto e intenso ciclo que nos deparamos mais fortemente com as definições de nossas identidades de classe, de gênero e de raça.

As questões eram objetivas e em algumas (perguntas 4 e 5) era permitido assinalar mais de uma resposta. Além das questões objetivas (idade, escolaridade, formação de identidade, padrões estéticos e desejos de mudanças), as perguntas foram baseadas na minha própria experiência, pois sou descendente de negros.. As questões foram feitas de forma simples, objetiva e acessível à compreensão. Além disso, utilizei o diálogo livre e questionei sem roteiro prévio sobre ídolos e



representações, para além das perguntas dos questionários. Os dados serão apresentados de forma descritiva, por meio de análise de frequência (porcentagem) apresentados por tabela ou graficamente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo foram entrevistadas 100 meninas (Tabela 1), com idade média de 13 anos, na maioria 5º, 6º e 9º ano.

**Tabela 1-** Distribuição da idade e escolaridade das meninas entrevistadas

<b>Idade (anos)</b>	<b>n (%)</b>	<b>Escolaridade (ano/série)</b>	<b>n (%)</b>
11	9	5º	27
12	11	6º	23
13	27	7º	10
14	23	8º	17
15	30	9º	23
Total	100	Total	100

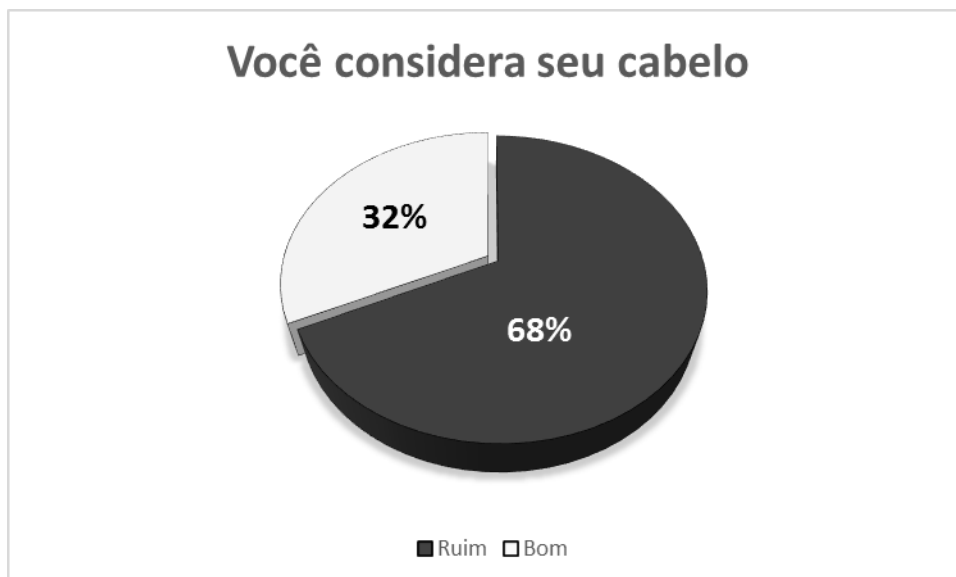
n=número

**Fonte:** as autoras, 2016.

Inicialmente os autores chamam a atenção para a escolha do gênero feminino, assim como feito no estudo de Paim e Pereira (2011) por partir do pressuposto da relação desse gênero com uma maior preocupação estética e manteve nessa linha. Porém, durante o processo de entrevistas, inserida no meio escolar, indagada por meninos à participação e alguns relatos de descontentamento sobre os padrões estéticos de seu cabelo, o que carece de maiores investigações, relacionando às questões de gênero.

Com relação às 3 perguntas sobre a formação da própria identidade, quando questionadas a respeito de “Como você considera seu cabelo?” (Gráfico 1), os dados são alarmantes, pois 68% das meninas relatam achar seus cabelos ruins.

**Gráfico 1-** Distribuição de como as meninas consideram seu cabelo se acham ruim ou bom

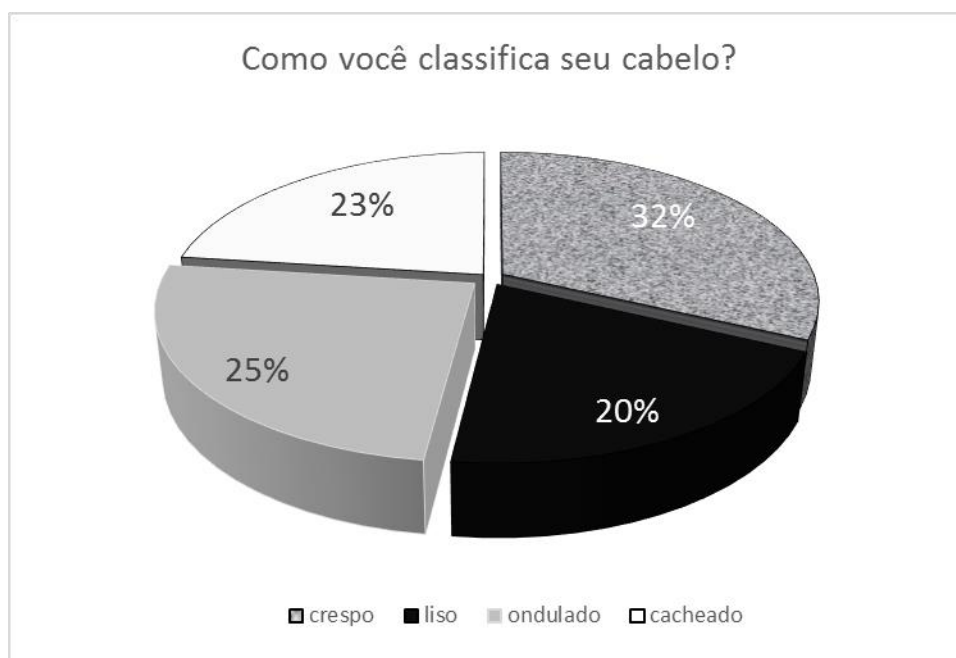


**Fonte:** as autoras, 2016.

Para Gomes (s/d), a formação de identidade é complexa e forma as referências do ser, um modo de ser no mundo e com os outros. Assim, preocupa a formação de uma identidade negativa.

Relacionando com a próxima pergunta, “Como você classifica seu cabelo?” (Gráfico 2), observa-se que essa insatisfação das meninas pode estar associada, na maioria (80%), a não apresentar o cabelo liso (20% somente apresentam), o que pode, então, ser atribuído indiretamente por esse gráfico como ideal de cabelo, a ser ratificado na pergunta 4.

**Gráfico 2-** Distribuição das meninas pela classificação de seu cabelo



**Fonte:** as autoras, 2016.

Chama a atenção também o fato da importância da representatividade do cabelo para as meninas, como pode ser observado quando indagadas sobre “O quanto seu cabelo influencia quem você é?” (gráfico 3), sendo para 78% um símbolo de grande representatividade.

Não tenho mais seu trabalho salvo no pc

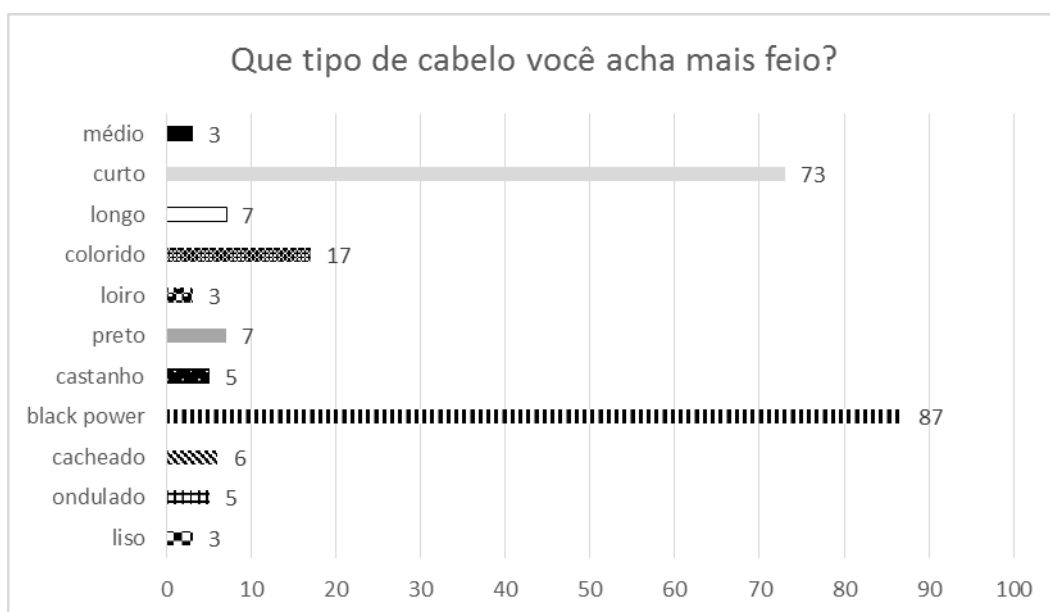
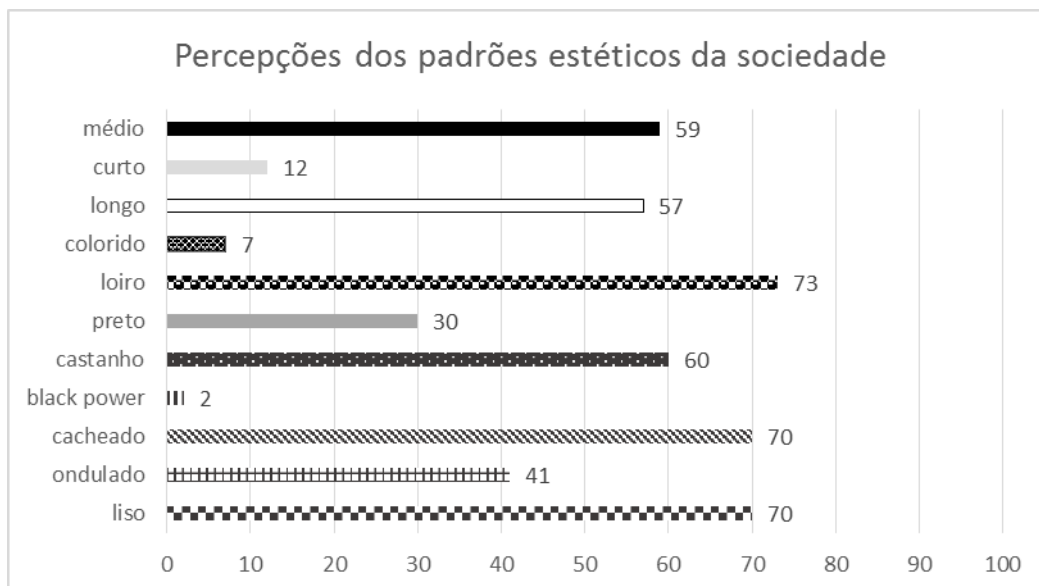
**Gráfico 3-** Influência do cabelo

**Fonte:** as autoras, 2016.

As perguntas 4 e 5 (Gráficos 4 e 5) serão apresentadas em gráficos pareados, devido à influência das respostas de uma pergunta sobre a outra. Para essas perguntas cada menina poderia assinalar mais de uma alternativa. Sobre pergunta 4, sobre as “percepções dos padrões estéticos da sociedade”, observa-se que a combinação de padrões preferidos seria a de cabelo loiro (73%), liso (70%) ou cacheado (70%), de comprimento médio (59%) a longo (57%). A preferência pelo loiro, liso e/ou ondulado vem ao encontro da pequena referência do cabelo afro, “black power”, citado como padrão por apenas 2% das meninas! Observa-se, aqui, a rejeição das características africanas no ideal e no imaginário dessas meninas, ratificada pela pergunta 5, na qual indagou-se “Qual cabelo você acha mais feio?” e as maiores rejeições foram para cabelo “black power”, em 87% das meninas, seguido pelo comprimento curto (73%).

Isso pode demonstrar uma tendência à “branquitude” como uma identidade social e cultural com forte influência territorial e cabe aqui lembrar que a pesquisa se deu na região Sul.

**Gráficos 4 e 5-** Questionamentos sobre padrão ideal e de rejeição de tipos de cabelo



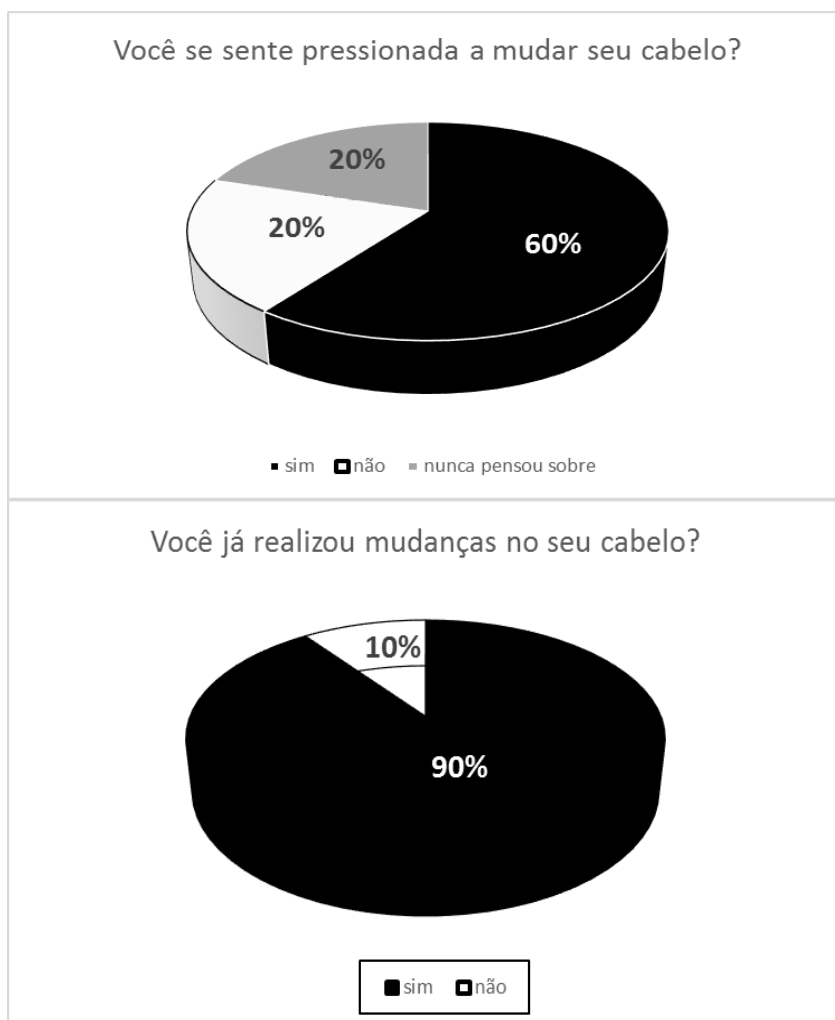
**Fonte:** as autoras, 2016.

Napergunta sobre onde as meninas buscam informações a respeito do cabelo ideal (gráfico 6), assim como nas perguntas 4 e 5 mais de uma alternativa poderia ser assinalada. Observa-se o papel da mídia sobre a formação de ideal dessas meninas, sendo que a escolha pelo padrão de cabelo liso e loiro e rejeição do cabelo afro, black-power poder ser um reflexo da influência das mídias sobre a escolha dessas meninas. Miranda (2011, s/p) discorre sobre o assunto, aclarando:

[...] o discurso de que a beleza é um atributo de pessoas que apresentem cabelos lisos, corpo magro, nariz afinado e tom de pele clara, impõe e materializa “a beleza” nos corpos de indivíduos com características físicas típicas do europeu, produzindo, portanto, um imperativo de normatividade

do belo que desconsidera os demais. Nesse processo, o domínio da beleza é localizado, circunscrito e produz “os sujeitos belos” como regra estética.

### Gráficos 7 e 8- Mudanças no cabelo



**Fonte:** as autoras, 2016.

Com relação às mudanças no cabelo, a maioria das meninas relata se sentir pressionada (60%) à mudança, 90% delas já realizaram alguma mudança.

Quando questionadas sobre os motivos que as impulsionaram às mudanças (gráfico 9), a maioria relata que fez a mudança para se parecer com alguma famosa. Reforça-se aí o papel influente das mídias sobre esse ideal imaginado. Outra questão foi em que elas se inspiram ou têm como referência para a mudança de estilo. E, praticamente todas elas responderam que a referência está em pessoas conhecidas pela mídia, cujo padrão de beleza é ser magra, loira, com

curvas delineadas, seios com prótese mamária, dentre outras. “A aparência física tem um papel primordial na formação e no desenvolvimento dos estereótipos, dado que é a forma mais simples de distinguir e homogeneizar os membros do grupo-alvo” (ZEBROWITZ, 1996, citado por PAIM e PEREIRA, 2011). Vieira e Bosi (2013, s/p., explanam acerca dos padrões de beleza estampados em capa de revistas, e assim discorrem:

Diante da invasão das imagens nas matérias, algumas ocupando páginas inteiras de um corpo bem trabalhado com máquinas de academias e muita dieta restritiva, reconhecemos que naquilo que se anuncia quase sempre se vela o não dito e sua força discursiva. Ao lado de uma suposta generosidade da natureza que revela uma beleza sem pretensões ou muitos esforços, oculta-se um exaustivo trabalho de cuidados corporais, alimentares e estéticos, de rituais diários e gestão do corpo que abarcam muito mais que um simples exercício ou qualquer tipo de alimento: é o estilo de vida. O prazer está no sacrifício, na privação. A ascese corporal revela-se nas sucessivas recusas ao prazer gustativo de alimentos gordurosos ou saborosos; na malhação diária que trabalha cada parte do corpo esquadrinhada e isolada do todo.

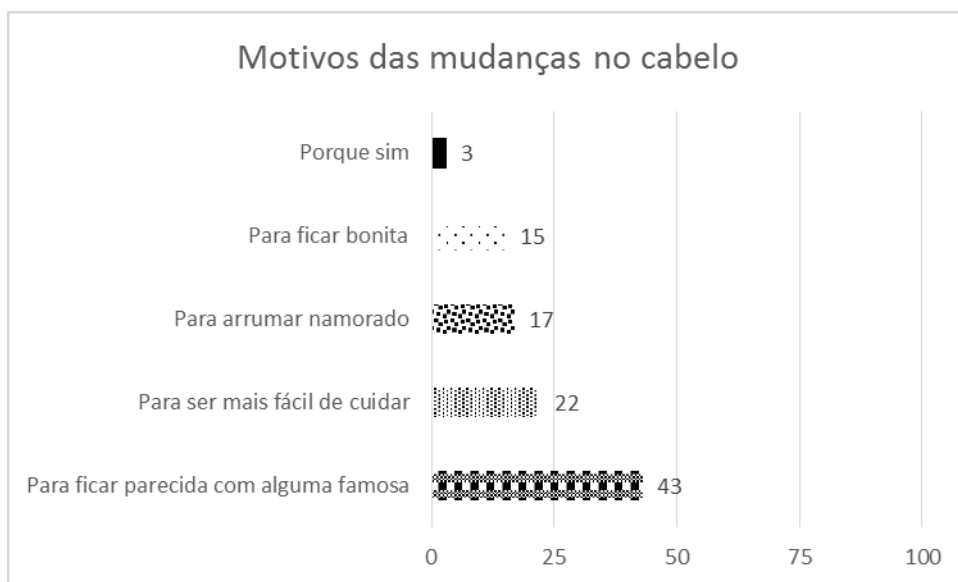
Percebe-se, a importância que a mídia tem na vida das pessoas e tamanha influência que ela causa a ponto da pessoa mudar sua aparência tão somente para estar mais próximas dos padrões de beleza ditados por ela, o que é chamado de estereótipo corporal hegemônico, por Nicolino (2012).

O fato do negro ser discriminado desde sempre faz com que procure buscar algo que o torne “igual” aos demais cidadãos. Assim, a mídia impõe o padrão de beleza. Surge, então, na sociedade, a necessidade de ser igual àquele padrão, o que é preocupante para alguns historiadores que entendem que o belo está na diversidade. Para Burke (2000. p.25):

Os historiadores da cultura têm consciência de que aquilo que as pessoas consideram significativo varia de período para período, e também de um lugar para outro [...] a hostilidade entre grupos sociais que são iguais ou semelhantes em todos, menos alguns, os aspectos menores [...] a hipótese pode ser de que grupos sociais distintos (Freud), porém semelhantes, têm probabilidade maior de serem hostis entre si do que grupos que possuem diferenças óbvias.

Cabe então aqui a discussão do termo “negritude” como um “processo de organização de uma consciência racial” (DOMINGUES, 2005, p.26), no qual o cabelo simboliza linguagem e expressa identidade (QUINTÃO, 2013).

**Gráfico 9-** O que motivou a mudança



**Fonte:** as autoras, 2016.

Os achados do presente estudo corroboram com Paim e Pereira (2011) no que diz à influência das mídias e dos padrões midiáticos marcados pela invisibilidade do negro ou com reforço aos padrões estereotipados. Uma após outra, as perguntas trazem à tona a problemática do racismo, agregado a construção de estereótipos do ideal e do preconceito.

Pode-se dizer que no Brasil existe uma ideia de que existe uma boa relação entre as raças; no entanto, o preconceito está presente, mas de uma forma mascarada, camuflada.

Constatou-se que o brasileiro é altamente preconceituoso e o mito da democracia racial é uma ideologia arquitetada para esconder uma realidade social altamente conflitante e discriminatória no nível das relações interétnicas [...]. O mito da democracia racial era mais um mecanismo de barragem à ascensão da população negra aos postos de liderança e prestígio [...]. (MOURA, 1988, p.30)

Numa sociedade desigual, quanto mais a identidade e a subjetividade do adolescente vai se afirmando em termos de “branquitude” (PIZA, 2005), impulsionada por padrões midiáticos (PAIM; PEREIRA, 2011), menores as possibilidades de se extinguirem estereótipos e preconceitos (PIZA, 2005).

Para que se consiga amenizar e quem sabe um dia acabar com o preconceito, é necessário que seja inserido nas escolas o ensino sobre a cultura afro

e, mais do que isso, que se dê ouvidos e voz a essa cultura, como foi o intuito da presente pesquisa. A Lei 11.645/2008 alterou a Lei 9.394/1996, já modificada pela Lei 10.639/2003, que trata das Diretrizes e Bases, tornando obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira nas instituições escolares de ensino fundamental e médio. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a transmissão de novos conhecimentos culturais faz com que surja um novo modelo de sociedade com uma postura menos preconceituosa:

Quando a escola inclui no seu dia a dia, atividades e conteúdos sobre a África, a cultura afro-brasileira e também sobre as relações étnico-raciais, está de certa forma cumprindo com o que estabelece o Plano Nacional de Implementação das DCNs da Educação para as Relações Étnico-Raciais, pois uma das atribuições das instituições de ensino é a “revisão curricular é imprescindível para que o documento inclua conteúdos que façam a diferença para os educandos. (FERNANDES, COSTA, *apud* BERINO, 2013. p.48).

A Lei 10.639/03 prega uma educação antirracista, baseada no reconhecimento da diversidade e no respeito ao próximo. Portanto, é de suma importância que as instituições escolares cumpram a lei em seus currículos. A história da cultura afro-brasileira faz parte da história do Brasil, do nascimento do Brasil como país, onde há uma diversidade de raças e miscigenações. Imperioso se faz lutar pelo respeito à igualdade e pelo respeito à diversidade. (Gomes, 2007).

A busca pelo “perfeito”, o “bonito” imposto por um determinado padrão já vem desde os tempos mais remotos. A indústria de produtos de beleza disponibilizava no mercado produtos que prometiam acabar com a discriminação, ou seja, deixar todos os cabelos iguais, lisos. Por volta dos anos 60, por conta desses produtos surgiu um movimento denominado “Black is beautiful”, cujo objetivo era mostrar que o negro era belo, afastando a ideia da procura pelo cabelo liso.

No ambiente escolar isso não é diferente. Discriminar alguém por conta do seu estilo de cabelo, fazer menções negativas referentes ao cabelo, pode deixar marcas profundas na pessoa. Gomes (2002, p.42) cita:

E é justamente o olhar do corpo negro na escola que os leva a considerar como professores e alunos negros e brancos lidam com os dois elementos construídos culturalmente na sociedade étnico/racial dos sujeitos: a cor da pele e o cabelo.



O processo da não discriminação das raças e da valorização do negro deve se iniciar nas escolas, é um processo que tem que ser feito aos poucos, mas com o objetivo de construir uma sociedade de respeito. Gomes (2003, p.171) defende que:

[...] a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contratos pessoais se estabelecem permeados de sensações e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida aqui, como uma construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros.

Deste modo, entende-se que é preciso estabelecer um processo de ensino em que não somente se transfira o conhecimento histórico da cultura afro, mas que passe não somente aos alunos, mas também aos profissionais de educação, o respeito à diversidade, entendendo que o diferente, na verdade é igual a todos (MUNANGA, 2005). O cabelo é apenas uma das representações da identidade negra e outras temáticas e representações devem ser abordadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente trabalho foi possível identificar uma tendência normatizadora de “branquitude” em meninas adolescentes de diferentes etnias com rejeição a uma característica marcante dos descendentes africanos representado na simbologia do cabelo, relacionado ao conceito de feio e o oposto do padrão considerado ideal.

Também se identificou que esse padrão normatizador tem influência forte das mídias, fazendo que essas adolescentes sintam-se pressionadas a seguir esses padrões.

Embora haja um movimento político e ideológico com leis que defendem o estudo e divulgação da cultura afro-descendente nas escolas, na escola estudada ainda há uma forte tendência à formação de estereótipos e preconceitos.

Assim, reforça-se aqui a urgente necessidade do conhecimento histórico da cultura afro, para estudantes e professores/as, no qual o cabelo seja apenas dos

símbolos da identidade negra a ser discutido, ampliando-se a discussão para outras temáticas e representações.

## REFERÊNCIAS

BERINO, Aristóteles. **Diversidade étnico-racial e educação brasileira**. Seropédica: UFRRJ, 2013

BURKE, Peter. **A violência das mínimas diferenças**. Folha de São Paulo: Caderno Mais! 21 maio 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2105200010.htm>> Acesso em: 16/02/2016.

BRASIL. Governo Federal. **População**. 2009. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2009/11/populacao>>. Acesso em: 18/02/2016.

COELHO, Wilma de Nazaré Baia; SOARES, Nalu Jancey Barbosa. **Estratégias pedagógicas para a abordagem da questão etno-racial e educação brasileira**. Seropédica: UFRRJ, 2013.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/2137/2707>. Acesso em: 16/02/2016.

FAVERO, Osmar. **Educação como exercício da diversidade**. Brasília: MEC, 2007.

FONSECA, Maria Nazaré Soares. **Brasil afro-brasileiro**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**. n.21, p 40-51, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, v.29, n.1. jan/jun.2003.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. v.2. p.39-62. \_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em 16/02/2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MIRANDA, Sheila Ferreira. **O “feio e o belo”: reflexões sobre os efeitos de uma ideologia do corpo**. 2011. Disponível em: <<http://psicolatina.org/22/seccion3/belleza.pdf>>. Acesso em: 19/02/2016.

MOURA, Carlos. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2004.

MOURA, Carlos. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NICOLINO, Aline da Silva. **Primazia da beleza Feminina e juventude empobrecida: notas de uma relação conflituosa**. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832012000100007&lang=pt](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100007&lang=pt)>. Acesso em: 19/02/2016.

OLIVEIRA, Ivone Martins de. **Preconceito e autoconceito: identidade e integração na sala de aula**. Campinas/São Paulo: Papyrus,1994.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. 2003. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0996.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0996.pdf)> Acesso em : 18/02/2016.

PIZA, Edith. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. In: **SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE**, 1., 2005, São Paulo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000100022&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100022&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 16/02/2016.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre como performance identitária**. 2013. Disponível em: <[http://www.uff.br/ppga/wp-content/uploads/2013/10/O-QUE-ELA-TEM-NA-CABECA\\_-\\_Um-estudo-sobre-o-cabelo-como-performance-identitaria.pdf](http://www.uff.br/ppga/wp-content/uploads/2013/10/O-QUE-ELA-TEM-NA-CABECA_-_Um-estudo-sobre-o-cabelo-como-performance-identitaria.pdf)>. Acesso em: 19/02/2016.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **História da África na educação básica: almanaque pedagógico, referencias para uma proposta de trabalho**. Belo Horizonte: Nandyala, 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso de ideias que naturalizam a inferioridade dos negros**. São Paulo/Rio de Janeiro: Fapesp/Educ/Pallas, 2002.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

THEODORO, Mário. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 12º anos após a abolição**. 1º ed. São Paulo: IPEA, 2008.

VIEIRA, Camila Araújo Lopes; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. **Corpo em confecção: considerações sobre os dispositivos científico e midiático em revistas de beleza feminina**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312013000300010&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312013000300010&lang=pt)>. Acesso em: 19/02/2016

ZEBROWITZ, L. (1996). Physical appearance as a basis of stereotyping. In: Macrae, C.N; Stangor, C. & M. Hewstone (Orgs.). Stereotypes and stereotyping (pp. 79-120). New York: Guilford. In: PAIM, Altair dos Santos; PEREIRA, Marcos Emanuel. **Aparência física, estereótipos e discriminação racial**, 2011. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/viewFile/419/481>>. Acesso em 19/02/2016.

## APÊNDICE 1

### PESQUISA

Essa pesquisa foi realizada com meninas da Escola Básica Pedro Paulo Rebelo da cidade de Itajaí/SC.

### I – PERFIL

Idade

### II – ESCOLARIDADE

### III – FORMAÇÃO DA PRÓPRIA IDENTIDADE

1. Como você classifica o seu tipo de cabelo?

Crespo

Liso

Ondulado

Cacheado

2. Você considera seu cabelo:

Ruim ou bom

2 – O quanto seu cabelo influencia em quem você é?

Nada

Pouco

Muito

Tudo

### III\* – PERCEPÇÃO DOS PADRÕES ESTÉTICOS DA SOCIEDADE (você pode escolher mais de uma opção)

Liso

Ondulado

Preto

Médio

Cacheado

Black Power

Colorido

Longo

Loiro

Castanho

Curto

### IV\* – QUE TIPO DE CABELO VOCÊ ACHA MAIS FEIO? (você pode escolher mais de uma opção)

Liso

Ondulado

Preto

Médio

Cacheado

Black Power

Colorido  
Longo  
Loiro  
Castanho  
*Curto*

V\*-SOBRE AS DUAS PERGUNTAS ANTERIORES: VOCÊ PROCURA INFORMAÇÕES SOBRE CABELOS IDEAIS EM: (você pode escolher mais de uma opção)

Revistas  
Novela -  
Cinema  
Desenhos  
Atletas  
Propaganda  
Internet –

VI-VOCÊ SE SENTE PRESSIONADA A MUDAR O SEU CABELO?

Sim                    não                    nunca pensei sobre isso-

VII –VOCÊ JÁ REALIZOU MUDANÇAS NO SEU CABELO?

Sim –                    não –

VIII –SE SIM, POR QUE?

Para ficar parecida com alguma famosa-  
Para ser mais fácil de cuidar-  
Para arrumar namorado-  
Para ficar bonita-  
Porque sim-